

"OS ÍNDIOS TICUNA COMO AGENTES DE UM PROCESSO DE EDUCAÇÃO INTEGRADA"

O LIVRO TORU DUÛ'ÛGU (1) (2)

CEDI - PIB.
DATA 22/06/94
NUM. F.C.D. 00113

Jussara Gomes Gruber

Neste relato apresentarei a síntese de uma experiência desenvolvida na área da educação entre os índios Ticuna (3). Tal experiência teve por base o registro do acervo mitológico do referido grupo, com a finalidade de preparar um livro. O trabalho foi realizado fundamentalmente pelos próprios índios, cabendo a nós o papel de articuladores das propostas e decisões fornecidas por eles. O livro deverá ser adotado nas escolas como texto de leitura nas etapas de pós-alfabetização, cumprindo a função de reavivar a memória tribal e simultaneamente estimular a retomada das narrações orais.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho fez parte de atividades mais amplas que uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional (UFRJ) (4) vem realizando entre os Ticuna. Há quase dez anos esta equipe efetua estudos sobre a história da região, contato interétnico, organização social e política, cultura material, ritual e educação. Este conhecimento mais abrangente da sociedade Ticuna foi de fundamental importância na nossa ação educativa, pois possibilitou concebê-la e realizá-la como algo integrado à trajetória histórica, política e cultural deste povo, procurando responder às necessidades e tensões vividas pelas comunidades no seu cotidiano.

- (1) Comunicação apresentada na Prê-Conferência do XXV Congresso Mundial da INSEA, em 20.07.84, no Rio de Janeiro.
- (2) O projeto teve apoio financeiro da Secretaria da Cultura do MEC, através de um projeto mais amplo denominado "Interação entre Educação Básica e os Diferentes Contextos Culturais Existentes no País".
- (3) Os Ticuna habitam o Alto Solimões (Amazonas), na região que faz fronteira com Peru e Colômbia (a noroeste do território nacional) e seus primeiros contatos com a civilização branca datam das duas últimas décadas do século XVII. Tendo em vista o volume demográfico e a extensão de área que ocupa, trata-se de um dos mais importantes grupos indígenas do país. Sua população, estimada em 18 mil indivíduos, está distribuída em aldeias situadas nas margens, afluentes e ilhas do rio Solimões.
- (4) Jussara Gomes Gruber, Vera Maria Navarro Paoliello e João Pacheco de Oliveira Filho.

Ainda como introdução cabe fazer algumas observações sobre a educação que vem sendo imposta a esses índios por instituições que atuam na região, como missões religiosas, FUNAI, Projeto Rondon, MOBREAL e outras. Estas instituições se propõem a reproduzir métodos e programas de ensino vigentes nas escolas dos brancos, empregando livros e materiais didáticos provenientes do sul do país. Este modelo de escola vem servindo como fator de aculturação acelerada, até mesmo favorecendo a rotinização do processo de rejeição da identidade étnica.

Considerando o caráter arbitrário e alienante de tal sistema educacional, a intensão básica do nosso trabalho foi criar formas alternativas que viessem minimizar as tendências desagregacionistas resultantes desses e de outros tipos de interferências decorrentes do contato cada vez mais intenso entre índios e brancos. Seria necessário propor uma escola que fosse espaço de criação, circulação e difusão de conhecimentos, respeitando as singularidades da cultura e do contexto atual dos Ticuna. Neste caso a educação passaria a ser um instrumento de reforço aos seus padrões de identidade e um componente expressivo na tentativa de recuperação de sua autonomia.

O Livro Torti duũ ũgti

A experiência se desenvolveu nas aldeias de maior densidade populacional, situadas na foz dos pequenos afluentes que nascem no Evare, território tradicional dos Ticuna. Estas aldeias contam com o maior contingente de pessoal alfabetizado e com professores que dominam o português e escrevem no idioma nativo.

Foi a partir de vários encontros que o livro tomou forma. Estes encontros se deram na casa dos narradores, nas escolas ou mesmo no pátio das aldeias, sempre ao anoitecer, hora em que os índios retornavam das plantações, da mata ou das atividades de pesca. Deles participaram diferentes segmentos da sociedade, como professores, lideranças, alunos e demais pessoas que se sentiram motivadas. Os índios, reunidos à volta do narrador, acompanhavam com entusiasmo todos os momentos das histórias. O narrador, por sua vez, tornava estas histórias muito vivas, usando o corpo e a voz para reforçar o seu conteúdo. Gestos, cantos, imitação da voz dos animais e outros sons entremeavam as tantas narrações. Junto dele ficavam outros conhecedores dos mitos que serviam como uma espécie de interlocutores, fazendo exclamações ou lembrando trechos que não estavam sendo devidamente detalhados.

Simultaneamente, as pessoas que demonstraram interesse se encarregaram dos desenhos, executando-os à medida que as histórias se desenrolavam. Os velhos, geralmente excelentes conhecedores da cultura tradicional, orientaram as crianças e os jovens, lugares sagrados, sobrenaturais, animais, etc. No final do trabalho reunidos 300 desenhos feitos por pessoas das mais diversas faixas etárias e de ambos os sexos. Foram realizados sobre papel (tamanho ofício), utilizando canetas coloridas e lápis preto. Observamos, no entanto, que a maior parte dos ilustradores deu preferência ao lápis, por ser um material mais difundido nas comunidades e escolas, e também por facilitar o detalhamento das figuras.

As "histórias de antigamente", como chamam, foram gravadas e, num segundo momento, os professores índios se dedicaram a ouvi-las e transcrevê-las na língua materna e no português.

O título "TORU DUU'UGU" quer dizer "nosso povo" ou "nossa gente". Foi o primeiro livro produzido para os Ticuna, mais exatamente, pelos Ticuna. Nele estão contidos a gênese da tribo, trechos que explicam a origem da luz e dos alimentos e outras tantas aventuras dos heróis culturais. Sairá publicado numa versão bilíngüe e cada história será acompanhada de um conjunto de desenhos destinados a exprimir de modo mais completo as formas nativas de percepção dos mitos, ou seja, o universo visual que lhes pertence.

Um aspecto relevante da experiência foi o fato dos índios se apropriarem, de modo consciente e transformador, desta forma de registro que até então vinha sendo utilizada pelas agências de contato apenas com vistas à descaracterização da cultura. Agora o livro passa a ter um outro sentido para os Ticuna. Passa a ser um instrumento de educação com base em elementos de importância central para o grupo, ficando nele perpetuados o seu modo de ser e de conceber o mundo.

Outro dado fundamental nesse trabalho se refere ao fato dos índios participarem de todas as etapas do seu processo. Esta participação é decisiva especialmente quando se trata de uma sociedade marginalizada e oprimida, pois garante a seus membros uma compreensão mais profunda das técnicas, métodos e mesmo da ideologia da educação, rompendo, assim, com as inseguranças criadas pela invasão cultural. Somente com base em tal princípio é possível assegurar a preservação e a transmissão do saber próprio desta sociedade, pois este saber representa, sem dúvida, um recurso vital na defesa de sua identidade étnica e de seus valores mais essenciais.

O texto a seguir foi escrito por dois chefes de aldeia e constará na introdução do livro:

"Dentro deste livro os Ticuna vão encontrar as histórias do tempo dos antigos, do tempo passado. Está aí a história do Yoi e do Ipi. Como eles criaram o povo Maglta, que foi o povo do princípio do mundo. O povo que estava aqui antes mesmo do branco existir.

É bom saber o que está escrito aqui para ninguém deixar de ser índio e de falar sua língua. Mesmo que aprendam a escrever em português, os Ticuna não podem esquecer sua língua, que é o mais importante. E assim o pessoal poderá contar essas histórias para outros também.

A gente nunca teve um livro assim antes. Aqueles que irão estudar nele deverão acordar, deverão saber porque ele foi feito. O livro saiu porque nós estamos renascendo. Foi bom porque foi feito por nós mesmos.

Hoje os bisnetos, os novos, vão ver que os Ticuna têm razão de existir, porque neste livro aparece onde está a terra imemorial, o local sagrado, o local da nossa origem. Onde Ticuna nasceu aí ele tem de ficar. O livro vai ser bom pra gente lembrar, pra gente lutar pra ser dono de novo da terra".